



Trabalhadores rurais sem terra acamparam na Ufal, ontem, e seguem hoje pela manhã em passeata até o centro da capital

JORNADA. Movimentos farão ações para defender a reforma agrária

Marcha dos sem-terra realiza atos em Maceió

Camponeses se manifestam, ainda, contra impeachment

LUANA MARTTINA
REPÓRTER

Depois de percorrer quatro cidades, os cerca de 1.500 integrantes de movimentos sem terra, vindos de todo o Estado, chegaram ontem a Maceió, na chamada 'Marcha em Defesa da Reforma Agrária, da Democracia e Contra o Golpe'. Em caminhada desde a última segunda-feira, 25, os trabalhadores querem chamar a atenção sobre a importância da reforma agrária para o desenvolvimento da economia do País, e prometem ficar na capital até o próximo dia 3.

O grupo é composto por integrantes de sete movimentos ligados à terra – Movimento dos Trabalha-

dores Rurais Sem Terra (MST), de Luta pela Terra (MLT), de Libertação dos Sem Terra (MLST), Via do Trabalho (MVT), Terra, Trabalho e Liberdade (MTL), Comissão Pastoral da Terra (CPT) e Terra Livre.

No início da noite de ontem, a marcha parou para montar acampamento no campus A.C. Simões, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), localizado na Cidade Universitária, onde foi realizado um ato político e cultural, com a participação de vários grupos sociais, em frente à Reitoria da universidade.

Durante a manifestação no local, os trabalhadores classificaram como "golpe" o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT) que tramita no Congresso Nacional e reforçaram que seu afastamento é uma ameaça aos direitos da classe trabalhadora e à democracia.

Para o líder do MVT, Marcos Antônio da Silva, conhecido como "Marrom", a marcha promoveu um debate bem amplo. "Durante esta semana, a marcha passou pelas cidades de Branquinha, Murici, Messias e União dos Palmares antes de chegar ao ponto final, que é Maceió. E toda vez que nós montamos o acampamento, pudemos conversar com a população sobre o golpe que ameaça os direitos da classe trabalhadora e a democracia e sobre a importância da reforma agrária para Alagoas", declarou.

O acampamento na Ufal permitiu a realização de algumas atividades com a participação da comunidade acadêmica, como a manutenção do canteiro do projeto 'Ufal em Defesa da Vida'. Na oportunidade, os trabalhadores plantaram 21 mudas de plantas, em memória às vítimas do massacre de El-

dorado dos Carajás, no Pará, que completou 20 anos em 2016.

O membro do MLST Josival Oliveira afirma que a força e a esperança dos trabalhadores rurais sem terra de Alagoas são o principal combustível para que eles percorressem mais de 80 km. "A Marcha já é um marco histórico pela possibilidade de diálogo com a sociedade, da organização dos camponeses e camponesas e do exercício da unidade dos movimentos de luta pela terra do nosso Estado", afirmou.

AGENDA

Na manhã de hoje, os trabalhadores pretendem deixar o acampamento na Ufal e seguir com a marcha em direção ao Centro da cidade.

Os camponeses também estão se organizando para, no próximo domingo, 1º, promoverem outro ato, desta vez pelo Dia do Trabalhador. ☉